



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

REVER E RELER SÃO OS VERBOS QUE MAIS SE CONJUGAM NESTES PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO 21.



ESTA CORRENTE DE RELEITURAS DO PASSADO RECENTE, QUE VEM TOMANDO CONTA DO MUNDO, TEM GERADO UM CONJUNTO DE ESTUDOS, ENSAIOS E ANÁLISES.



ENTRE ELAS, CHAMAM ATENÇÃO AS POLÊMICAS PROVOCADAS PELA CRÍTICA TARDIA DE ROBERTO SCHWARTZ AO LIVRO "VERDADE TROPICAL", DE CAETANO VELOSO.



CAETANO REBATE SCHWARTZ: "TODA CARTILHA IDEOLÓGICA PODE SER - E FREQUENTEMENTE O É - OBSTÁCULO À INTELIGÊNCIA".



MERGULHO NO PASSADO Rever e reler são os verbos que mais se conjugam nestes primeiros anos do século 21. O mergulho no passado é um exercício constante. Uma busca incessante pelo que nos trouxe até aqui. Uma tentativa de compreender este novo século carregado de tecnologia e nenhuma utopia.

NEO-MODERNISTA Nestes tempos de revisão do passado, releitura do modernismo, transposição de ideais que chamamos neo-modernistas, nosso olhar está voltado para o que foi, o que passou. Nesse contexto, reencontramos Bob Dylan e Paul McCartney, o rock e o pop em turnês mundiais. Ídolos de uma geração que continuam contagiando avós e pais e agora inoculam seus vírus musicais nos filhos e netos deste passado recente. Paul McCartney está em sua quinta turnê no Brasil e Bob Dylan, em sua segunda ou terceira.

PAUL MCCARTNEY Em entrevista à revista Época, Paul disse perceber que "(...) o público que vem aos shows hoje é formado por crianças, adolescentes e adultos. Famílias inteiras aparecem. É engraçado porque, no tempo dos Beatles, as coisas eram muito diferentes. A gente cantava rock para jovens que expressavam por meio da música sua rebeldia em relação aos pais. Era o conflito de gerações típico dos anos 1960. Hoje, já não há mais conflito de gerações".

ROBERTO SCHWARTZ Esta corrente de releituras do passado recente, que vem tomando conta do mundo, tem gerado um conjunto de estudos, ensaios e análises. Entre elas, chama atenção o recente livro de Roberto Schwartz, "Martinha Versus Lucrecia - Ensaios e Entrevistas", e as polêmicas provocadas por sua crítica tardia ao livro "Verdade Tropical", de Caetano Veloso, escrito há 15 anos. Nele, Schwartz reconta criticamente a narrativa de Caetano, transformando-a na história de um "menino portador de inquietação de província" a um "novo Caetano", que "festejou a derrocada da esquerda como um momento de libertação", é o que nos revela Paulo Werneck, em matéria para Folha de S. Paulo.

CAETANO VELOSO Roberto Schwartz foi mais longe e criticou a personalidade de Caetano. Para ele, o músico e compositor tem um "traço de personalidade muito à vontade no atrito, mas avesso ao antagonismo. As ambivalências do tropicalismo, o patriotismo fantasioso e supersticioso, sua defesa do mercado, seu confucionismo, sua cumplicidade com agentes que o prenderam demonstram um compartilhamento com os pontos de vista e o discurso dos vencedores".

ISSO É ADMISSÍVEL? Em entrevista ao caderno Ilustríssima, do jornal Folha de S. Paulo, Caetano rebate Schwartz: "Toda cartilha ideológica pode ser - e frequentemente o é - obstáculo à inteligência". Caetano emenda afirmando: "Sempre me pergunto por que Roberto Schwartz ou Marilena Chauí nunca têm nada a dizer sobre o que se passa na Coreia do Norte. Por que Lula e Tarso Genro mandaram de volta, num avião venezuelano, os atletas cubanos que tinham pedido asilo político ao Brasil? Isso é admissível? Ninguém da esquerda reclama nada disso (...) As liberdades nas democracias liberais são vistas como suspeitas: a ostensiva falta de liberdade em países comunistas nunca é combatida (...) Não há, por parte de intelectuais de esquerda, um esforço crítico de se opor aos estados policiais".

DEBATE INTENSO Ao analisar a polêmica, Marcos Augusto Gonçalves escreveu: "Caetano e Schwartz viveram naquele mesmo mundo. Experimentaram a efervecência político-cultural dos anos que antecederam e se seguiram ao golpe de 64, e participaram, cada um à sua maneira, do debate intenso que se travava à época sobre as perspectivas do país. Isso não significa que compartilharam ou compartilhem as mesmas ideias sobre política, cultura ou país".

IDEOLOGIAS SÃO ANTOLHOS Particularmente, entendo que o debate sobre o passado pode ser extremamente eficaz para a construção do futuro. Afinal, o conflito de ideias, quando bem fundamentado, abre novos diálogos e grandes oportunidades. Karl Marx tinha razão: ideologias são antolhos. De fato, ideologias têm pouco alcance e baixa visão de mundo. Especialmente quando aceitam Estados policiais, são cúmplices do totalitarismo e manipuladoras das massas, que entoam palavras de ordem monótonas, repetitivas e desprovidas de argumentos ou consistência.

LUZ Neste ponto, concordo com Caetano, quando diz: "Sou muito franco e apaixonado pela clareza e pela luz. Gosto mais do esclarecimento do que da Dialética do Esclarecimento, que tanto obscurece. Aliás, desconfio dessa escolha da palavra "Esclarecimento" em lugar de "Iluminismo".

ATIVISMO O jeito de Caetano desejar um Brasil melhor é através da música e da arte. Da mesma maneira, Paul McCartney diz que "é dever do artista participar dos movimentos sociais e políticos (...) o ativismo é justo e obrigatório. Astros como Bob, Bono e Bruce propõem questões importantes e urgentes. Eles se valem do palco para disseminar ideias e atingir o maior número de pessoas. Nós, músicos, somos membros do público (...) pertencemos ao povo (...) o mínimo que temos de fazer é emprestar nossa voz ao público".